

ENTROPIA E ANTROPOFAGIA NO CASTELO DE KAFKA: reflexões sobre a desfuncionalização burocrática à luz da racionalização extrema do direito público

ENTROPY AND HUMAN CONSUMPTION IN KAFKA'S *CASTLE*: reflections on defunctionalization of bureaucracy at a context of extreme public law rationalization

Irene Patrícia Nohara¹

Liziane Parreira²

RESUMO

A obra literária *O Castelo* é considerada por Modesto Carone integrante do “trio de ferro” kafkiano, estruturado também por *O Processo* e *A Metamorfose*. A proposta do presente artigo é refletir, com o apoio na alegoria representada pelas forças burocráticas que oprimem o protagonista K., tendo por foco os desencontros e as irracionalidades narrados, acerca da entropia, isto é, da medida de desordem e de imprevisibilidade, que provoca a autoconsumo dos aspectos humanitários (antropofagia) das personagens em nome do triunfo de um poder incompreensível e saturado de auto-referência. A abordagem objetiva extrair da contextualidade da obra alguns elementos que auxiliem também à compreensão problemática da desfuncionalização da vida administrativa, quando o excesso de racionalização mais cumpre o papel de negar do que propriamente afirmar a humanidade para cujo serviço as instâncias organizacionais burocráticas e, conseqüentemente, o direito público foram concebidos. Espera-se, portanto, contribuir para a reflexão sobre a autodestruição das relações humanas num mundo institucionalizado e posto a serviço de uma normatividade irracional e entrópica, com base em uma das obras-primas do consagrado tripé legado à humanidade por Franz Kafka.

PALAVRAS-CHAVES: O Castelo, Kafka, burocracia, direito público

ABSTRACT

The Castle is considered by Modesto Carone part of the notorious trilogy from Kafka, also structured with *Metamorphosis* and *The Trial*. The purpose of the present study is to reflect, with support in the allegory represented by bureaucratic forces that oppresses the protagonist

¹ Livre-docente, doutora e mestre em Direito do Estado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e professora-pesquisadora do programa de mestrado em Direito da Universidade Nove de Julho.

² Mestranda do programa de mestrado em Direito na área de concentração Justiça, Empresa e Sustentabilidade da Universidade Nove de Julho.

K., about the “entropy” (meaning disorder and unpredictability) that leads to the consumption of human characteristics, by triumph of a saturated, incomprehensible and full of self-reference power. The present approach aims to extract from the contextuality of Kafka’s masterpiece some elements that help understanding the lack of functionalization from administrative life, especially when excessive rationalization, instead of affirming, plays the role of denying humanity, without taking into account that bureaucracy and public law were designed to serve life. It hopes to contribute, with support in this renowned masterpiece, to the reflection about self-consumption of human beings in a world institutionalized and associated with an irrational normativity.

KEY-WORDS: The Castle, Kafka, bureaucracy, public law

Considerações Introdutórias

Existem diversas leituras que podem ser extraídas da controvertida obra *O Castelo*, de Franz Kafka, que vão desde abordagens existencialistas até as psicológicas.³ A presente reflexão não pretende ser fiel aos controvertidos desígnios do autor tcheco, o que seria dificultoso inclusive para os círculos literatos mais rigorosos, haja vista a complexidade das questões abordadas, bem como a indefinição do próprio Kafka, que ordenou no testamento a destruição de sua obra;⁴ mas tão-somente, a partir da análise de algumas passagens emblemáticas deste denso romance, tido por Modesto Carone como integrante da “trilogia de ferro” kafkiana, promover um encontro com um tema que é inequivocamente extraído na narrativa, isto é, a burocracia.

A proposta é utilizar a obra para que se reflita sobre os efeitos que o excesso de racionalização, derivado de um discurso normativo alienante, provoca nas relações humanas subjacentes às instâncias organizacionais.

Por conseguinte, a presente abordagem está alicerçada numa observação feita por Walter Benjamin, no sentido de afastar da leitura de *O Castelo* qualquer inclinação transcendental, a partir da sugestão de que as autoridades que esmagam K., o protagonista,

³ Pelo menos do ponto de vista da psicologia analítica, há força simbólica nos elementos arquetípicos utilizados na obra (o castelo, a aldeia, o estrangeiro, o superior hierárquico distante, a amante etc.), sendo ainda plena de sugestão a frase, encontrada mais de uma vez na bibliografia de Kafka, *in verbis*: “alguns livros funcionam como uma chave para as salas desconhecidas de nosso próprio castelo”. Cf. Posfácio de Modesto Carone. In. KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 353.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 154.

não podem ser identificadas nem com forças obscuras, muito menos com divindades, mas, haja vista o realismo inerente à Kafka, “com a burocracia triunfante dos nossos dias”.⁵

Objetiva-se, pois, a partir da exposição da obra, utilizando-se da indução bem como do método hipotético-dedutivo, identificar aspectos das situações relatadas, no vaivém compulsivo do protagonista K. entre a aldeia e as proximidades do castelo, que se relacionam com a desfuncionalização da burocracia moderna, sobretudo quando esta assume feições de caráter mais totalitário.

Pretende-se, ademais, problematizar algo indissociável do contexto do entre-guerras, uma vez que Kafka já prenunciava o fenômeno totalitário que assolaria a Europa nas duas décadas seguintes à elaboração de *o Castelo*, mas também serão identificadas as passagens que servem para, com apoio em circunstâncias de *nonsense* narradas na obra, refletir sobre as “deformações precisas” (Benjamin⁶) que revelam a hodierna desfuncionalização administrativa.

O problema da “entropia” refere-se ao sentido de desordem de um sistema que se volta para si mesmo,⁷ isto é, que se satura em cadeias reiteradas e irracionais de auto-referências. O narrador de *o Castelo* provoca, nesta perspectiva, um sentimento de vertigem, alienação e impotência, ao relatar diversas tentativas frustradas de o protagonista K. ao menos compreender sua posição e suas atribuições nas estruturas administrativas que comandam a vida (pública e privada⁸) do entorno do castelo.

Tal abordagem justifica-se diante da importância da análise do burocratismo e sua normatividade fragmentada e irracional. Em suma, será ressaltada a leitura de *O Castelo* de Kafka como experiência quase sempre atual e, em larga medida, rica de narrativas que serão utilizadas como forma de denunciar os perigos e as irracionalidades provocados pelo descolamento dos complexos emaranhados normativos de direito público em relação às necessidades concretas da vida cotidiana da “aldeia”, o que torna o ente estatal e sua representação na autoridade de Klamm abstrações distantes da compreensão e do acesso humanos.

⁵ Op. cit. p. 359

⁶ Ver. Op. cit. p. 360.

⁷ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1169.

⁸ Pois como se narra na obra: “Em lugar nenhum K. tinha visto antes, como ali, as funções administrativas e a vida tão entrelaçadas”. *O Castelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 71.

A trama de *o Castelo*

A história narrada por Kafka inicia-se com a chegada do agrimensor K. a uma aldeia sombria e misteriosa coberta de neve. K. encontra abrigo em um Albergue e logo descobre que a aldeia é de propriedade do castelo, cuja a permanência dependia de autorização do conde. Após um breve mal entendido com um dos funcionários do castelo, K. é identificado como o agrimensor designado para medir os limites da aldeia, para tanto, possuía permissão oficial.

O ambiente do albergue é pouco convidativo, sujo e sem conforto. Os aldeões que habitam o albergue estranham a presença de K., pois era muito raro estrangeiros circularem pela aldeia.

K. possui uma inquietação obscura e, no dia seguinte à sua chegada, começa a explorar a aldeia com o objetivo de conseguir ter acesso ao castelo e ao conde. Sua primeira expedição fracassa, uma vez que, o castelo é completamente inacessível. Decepciona-se com a aldeia quando percebe que se trata apenas de uma cidadezinha miserável, com um aglomerado de casinhas de pedra.

Durante a caminhada encontra personagens que são funcionários do castelo, como o sapateiro e o professor, todos fornecem informações incoerentes e ressaltam que ninguém, principalmente na qualidade de forasteiro, jamais conseguiu penetrar no castelo, muito menos falar com o conde. A dificuldade de acesso é algo presente em toda narrativa. Ademais, não existem ruas próximas ao castelo e também não há tráfego nas imediações.

Dois ajudantes são designados para trabalhar com K., Arthur e Jeremias, que afirmam serem seus auxiliares antigos. São, no entanto, completamente desqualificados para a função. Eles ficam o tempo inteiro atrás de K., seguindo-o por todos os lados, sempre a espreita de suas conversas.

K. recebe uma carta de um mensageiro, Barnabás, e fica sabendo que seu superior direto seria o prefeito, *in verbis*:

Prezado senhor: como sabe, o senhor foi admitido nos serviços administrativos do conde. Seu superior imediato é o prefeito da aldeia, que lhe comunicará todos os detalhes sobre o trabalho e as condições de pagamento e a quem o senhor prestará contas. Mas não obstante isso eu não o perderei de vista. Barnabás, o portador desta carta, perguntará de tempos em tempos pelo senhor para ficar sabendo dos seus desejos

e comunica-los a mim. O senhor me encontrará sempre que possível, pronto a ser solícito. Interessa-me ter trabalhadores satisfeitos.⁹

A assinatura da carta é ilegível, sob ela consta somente impresso o carimbo do Chefe da repartição X, que posteriormente indica-se ser Klamm.

Quando Barnabás vai embora, K. procura segui-lo, na inútil esperança de que esteja caminhando em direção ao castelo. Entretanto, decepciona-se, pois o mensageiro vai para casa.

Conhece a família de Barnabás, seus pais e suas duas irmãs: Olga e Amália. K. é convidado para pernoitar na casa de Barnabás e acaba acompanhando Olga até a hospedaria dos senhores. Logo na chegada fica sabendo que a hospedaria destinava-se apenas aos funcionários do castelo. Para alcançar seu objetivo, tenta em vão dormir na hospedaria e conhece Frieda, a moça que trabalhava no bar, amante de Klamm.

K., entusiasmado com o fato da proximidade de Frieda com Klamm, passa a se envolver intimamente com Frieda, que abandona a hospedaria para assumir um noivado com K.

Na entrevista com o prefeito K. recebe a notícia de que houve um equívoco em sua contratação, causado por um decreto antigo. Não existia necessidade de um agrimensor na aldeia, pois os limites da cidade já haviam sido demarcados, mas quando o prefeito se deu conta do erro e tentou repará-lo, outro setor da administração já o tinha requisitado, além do mais, os expedientes perderem-se no tempo, devido aos tramites burocráticos:

[...] Mas já que teve a bondade de me procurar pessoalmente, preciso dizer-lhe toda a desagradável verdade. O senhor foi aceito como agrimensor, como diz, mas infelizmente nós não precisamos de agrimensor. Não haveria o menor trabalho para um, aqui. As fronteiras das nossas pequenas propriedades agrícolas estão traçadas, está tudo registrado e em ordem, troca de títulos quase não ocorrem e os pequenos litígios de fronteira nós mesmo resolvemos. Portanto, porque teríamos necessidade de um agrimensor?¹⁰

K. retorna para o albergue indignado e disposto a procurar Klamm. Encontra, no entanto, o professor, que o aguardava no quarto. O professor, atendendo ao pedido do

⁹ Op. cit. p.31

¹⁰ Idem. p. 72

prefeito, oferece o cargo de bedel da escola para K. Este de imediato recusa, mas é posteriormente convencido por Frieda a aceitar, pois ela temia que houvesse retaliação do castelo.

Na tentativa de encontrar Klamm, K. retorna à hospedaria dos senhores e conhece Pipa, a substituta de Frieda, sendo informado de que a carruagem de Klamm estava do lado de fora. Resolve, portanto, ir até o local para aguardar a sua saída. Mas Klamm vai embora e, novamente, K. não consegue falar com ele.

K. volta ao albergue e encontra Momus, o secretário de Klamm que insiste em interrogá-lo, K. nega-se a responder, a partir da seguinte fala:

– Não saberia dizer por que devia deixar que me interroguem – disse K. – Por que devia me submeter a uma brincadeira ou a um capricho administrativo? Talvez numa outra ocasião eu o tivesse feito, igualmente por brincadeira ou capricho, mas hoje não.¹¹

A situação é tão incoerente (*nonsense*) que, quando K. sai para a rua, ele encontra Barnabás com uma carta de Klamm, contendo os seguintes dizeres:

Ao senhor agrimensor no Albergue da Ponte. Os trabalhos de agrimensor que o senhor realizou até agora gozam do meu reconhecimento. Os trabalhos dos ajudantes também são louváveis; o senhor sabe induzi-los bem ao serviço. Não ceda no seu zelo! Leve os trabalhos a um bom termo. Uma interrupção me deixaria contrariado. De resto confie em que a questão dos honorários será decidida muito em breve. Eu não o perco de vista.¹²

Inicia seu trabalho na escola, onde também estabelece moradia provisória. Divide uma sala de aula com Frieda e os seus dois ajudantes. A sala é indigna de moradia, muito fria, o que leva K. a furtar algumas lenhas do estoque da escola.

Na manhã seguinte é acordado pelas crianças e questionado pelo professor sobre o furto, a culpa do ilícito recai sobre os ajudantes, mas quando o professor tenta aplicar “uma surra” neles, Frieda manifesta-se e delata K. O professor imediatamente acusa K. de covarde e o demite, mas K. não aceita tal demissão, alegando que só aceitaria o ato vindo do prefeito, que foi quem o nomeou.

¹¹ Op. cit. p. 136

¹² Op. cit. p.139

K. procura novamente Klamm mas, sem rumo, resolve ver Barnabás. Quando chega à casa do mensageiro percebe que ele não está e conversa com Olga. Descobre, pois, o segredo que envergonhava a família de Barnabás: quando Amália era mais jovem, um senhor do castelo encantou-se por sua beleza e ordenou que ela dormisse com ele na hospedaria.

Amália recusou-se a cumprir a ordem, rasgando, inclusive, a carta que lhe foi entregue diante do mensageiro, e por isso toda a família sofreu retaliações. Por conta da dificuldade da família, Olga acabou fazendo outras naturezas de préstimos na hospedaria dos senhores, provavelmente de índole sexual, utilizando-se de sua influência com os funcionários do castelo para empregar Barnabás, cuja primeira missão ocorreu graças à chegada de K.

Barnabás retorna com uma nova mensagem que solicitava a presença de K. para uma conversa com o secretário Erlanger. Chegando ao quarto do secretário, na hospedaria dos senhores, é informado que Erlanger estava dormindo, sendo necessário aguardar o seu despertar.

K. avista Frieda no corredor, aproxima-se e indaga o motivo do fim do relacionamento. Tenta convencê-la a reatar o noivado, mas Frieda já tinha sido reintegrada pelo castelo e agora tinha relações mais estreitas com Jeremias, um dos ajudantes de K, em grande parte responsável pelo fim do relacionamento deles.

Nesse ponto, K. encontra-se muito cansado e alheio à realidade, decide procurar o secretário Erlanger, mas depara-se com muitas portas ao longo do corredor, sendo todas idênticas. Sem saber qual era a correta, resolve bater em uma das portas e acorda um senhor do castelo, Bürgel, sendo convidado para entrar e se sentar, mas está tão sonolento que fica em um estado de semi-consciência.

Escuta Erlanger chamar o seu nome e é despertado por Bürgel. A conversa com o secretário é rápida, nada esclarecedora, e refere-se ao retorno de Frieda para Klamm. Quando sai da hospedagem, K. é abordado por Gerstäcker que deseja lhe dar casa e sustento em troca de ajuda com os cavalos e outros negócios. A história termina nesse momento, no qual Kafka interrompe a narrativa com uma alusão ao início de uma fala da mãe de Gerstäcker, mas trata-se de um discurso interrompido, que se dá sem nem menos um ponto final.

Procura-se Klamm: onisciência da autoridade máxima

Um dos principais aspectos a serem analisados, após a resenha descritiva da obra, para os efeitos da presente abordagem, é a emblemática e inacessível figura de Klamm, uma vez que o romance se desdobra em função da procura e também da espera de resposta deste que personifica não só a tentativa de aproximação oficial de K. com o castelo, mas também a possibilidade de compreensão de sua situação funcional na aldeia.

Por diversas situações, Klamm é narrado como onisciente, isto é, como alguém que supostamente teria conhecimento de tudo o que se passa com o protagonista, causando, ainda, estranheza o conteúdo do diálogo entre Frieda e K., por ocasião do primeiro e único provável¹³ avistamento de Klamm, no qual K., com o estímulo de Frieda, o espia através de um orifício.

Apesar da constante referência à onisciência,¹⁴ Klamm não é efetivamente descrito como alguém “sobre-humano”. Ele é apresentado pelo narrador como uma pessoa relativamente ordinária: de estatura média, sendo, ainda, gordo e pesado, com rosto liso, de bigode preto e comprido, cujas maçãs descem um pouco com o peso da idade. Segundo a narrativa, no momento em que K. o espia: “Klamm estrava bastante virado em sua direção, ele o enxergava bem de frente. Klamm pousava o cotovelo esquerdo na mesa; a mão direita, na qual segurava um charuto, descansava no joelho”.¹⁵

Após o avistamento, Frieda confia a K. que é amante de Klamm, o que desperta o imediato interesse por parte de K. Fica evidente, da forma com que Kafka ou, rigorosamente falando, o narrador de *o Castelo* (que acaba sendo até um marco nas análises literárias kafkianas¹⁶) relata, que o vínculo de K. com Frieda só foi estreitado em razão do interesse que o protagonista teve em usá-la como uma forma de chamar a atenção de Klamm.

¹³ Tamanha é a sensação de alienação extraída dos diálogos da obra, que quase tudo em *o Castelo* é provável, ou seja, não é certo. Segundo Walter Benjamin, “Kafka dispunha de uma capacidade invulgar de criar parábolas. Mas ele não se esgota nunca nos textos interpretáveis e toma todas as precauções possíveis para dificultar essa interpretação”. Op. cit. p. 149.

¹⁴ Algo também indissociável da burocracia, uma vez que o controle faz parte do sistema e mesmo que as autoridades competentes, como seres humanos que são, não consigam exercer controle total, elas tentam produzir um discurso no sentido de que o controle é constante, o que estimula, propositadamente, a sensação de temor.

¹⁵ Também se relata que está à frente de um copo de cerveja. Op. cit. p. 46.

¹⁶ Segundo Modesto Carone, as adaptações das obras de Kafka, sobretudo ao teatro, não devem deixar de considerar a presença do narrador que também desconhece. Portanto, neste aspecto, o narrador não coincide com Kafka, pois ele é criado como um terceiro que, assim como o protagonista, também não alcança a compreensão efetiva dos acontecimentos. Em suma, o narrador kafkiano também não sabe o que se passa. Op. cit. p. 360. Diferentemente dos narradores comuns, este narrador não tem a meta-compreensão dos fatos, mas igualmente se perde nos acontecimentos. Este recurso ao narrador que não esclarece provoca no leitor a

Há muitas passagens na obra analisada em que o “comum” mistura-se ao improvável, provocando a situação do *nonsense*, como, por exemplo, o momento em que Frieda relata que a criadagem, que invade a hospedaria em busca de cerveja, como se fossem “gado na estrebaria”, não é ouvida por Klamm, pois ele estaria de fato dormindo, ao que rebate K.:

Como? – brandou K. – Ele está dormindo? Quando olhei para dentro do aposento ele ainda estava acordado e sentado à mesa. – Ele sempre fica sentado assim – disse Frieda – Também quando você o viu ele já estava dormindo – se não fosse isso eu o teria deixado olhar dentro? Era a sua posição de dormir, os senhores dormem muito, mal se pode entender isso. Aliás, se ele não dormisse tanto, como poderia suportar essa gente? Mas agora eu mesma vou expulsá-los.¹⁷

É improvável que alguém que seja avistado de frente, com cotovelo na mesa e fumando um charuto, esteja de fato dormindo. Esta situação dá ao leitor a sensação de que o conteúdo da conversa das personagens não está sendo coerente com as situações narradas, o que, aliás, conforme dito, representa algo constante na obra, não sendo acidental ao trecho analisado.

Nunca se sabe qual personagem está dizendo a verdade. Até mesmo Frieda que, ao longo da obra, é apresentada como alguém absolutamente abnegada em relação a K., é, no último capítulo, descrita por Pepi como dissimulada, manipuladora e alguém que, como “aranha, possui relações que ninguém conhece”.¹⁸ Contudo, quando o leitor está propenso a aceitar que, na verdade, K. teria sido manipulado por Frieda, o protagonista desqualifica a percepção de Pepi, o que faz permanecer a dúvida.

Kafka transmite a impressão de que não se pode confiar nem mesmo no seu narrador, uma vez que este relata situações bizarras. A cada capítulo da obra, K. tenta, em vão, desvendar algo, mas os novos cenários que vão sendo abertos pela procura nunca são suficientemente esclarecidos a ponto de revelar ao leitor o enigma da situação por ele vivenciada. Há quase sempre novos elementos que obscurecem a compreensão, ou seja, o narrador vai acrescentando complexidades que aumentam a insolubilidade da trama.

Apesar de Klamm ser, por diversas passagens da obra, descrito como alguém que teria, em tese, conhecimento de tudo o que se passa com K., ainda assim concordamos com

potencialização de seu sentimento de dúvida, reforçando a leitura da obra como uma forte experiência de alienação.

¹⁷ Op. cit. p. 50.

¹⁸ Op. cit. p. 337.

Walter Benjamin no sentido de que não seria correto associá-lo alguma força “transcendente”, isto é, a uma divindade ou presença fantasiosa.

Nesta perspectiva, não se pode deixar de abordar alguns aspectos de *o Castelo* como realista prenúncio das políticas estatais totalitárias que caracterizaram o cenário europeu nas décadas seguintes à elaboração da obra (escrita em 1922), pois a sociedade europeia do “entre-Guerras” caminhava para tal situação.

O endurecimento do totalitarismo enfrenta período auge na década de quarenta. Não por acaso, nestes mesmos anos, Eric Arthur Blair, sob o pseudônimo George Orwell, escreve a obra-prima *1984*, em que narra de forma ainda mais explícita a opressão dos *nonsenses*¹⁹ de um Estado efetivamente agigantado, no qual o homem comum se depara com as irracionalidades de um universo entropicamente burocrático.

Pode-se considerar que também K. não deixa de ser este *Jedermann*,²⁰ ou seja, este homem ordinário que enfrenta dificuldades e impotências diante da impossibilidade de alcançar a compreensão necessária para influenciar sua própria situação funcional nas instâncias organizacionais, devido ao emaranhado normativo incompreensível de um Estado que, de tão pretensamente racional, diante de ordens provenientes de um vértice obscuro e impessoal (cujas manifestações se dão por meio de “ofícios” e “memorandos”), acaba sendo absolutamente incontrolável pelas pessoas que se perdem nas engrenagens do sistema.

Daí, *mutatis mutandis*, a associação intuitiva da figura de K. com Winston Smith e, conseqüentemente, de Klamm com uma espécie de *Big Brother*, dada vigilância invasiva e constante.

Contudo, diferentemente de *1984*, *o Castelo* se desenvolve numa atmosfera mesclada por elementos pré-burocráticos. Assim, ao lado da comunicação formal por meio de cartas, a busca de K. pela oficialização de sua situação funcional de agrimensor e a alusão constante à uma normatividade subjacente às práticas públicas, há também alguns elementos acentuadamente medievais, como a hospedaria, a aldeia (tal qual um feudo, hermético em suas relações sociais), e o castelo.

¹⁹ Como vislumbrado por Orwell na conhecida passagem de *1984*: “no fim, o Partido anunciaria que dois mais dois são cinco, e todos teriam de acreditar. Era inevitável que o proclamasse mais cedo ou mais tarde: exigia-o a lógica de sua posição. Sua filosofia negava tacitamente não apenas a validade da experiência como a própria existência da realidade externa”.

²⁰ Já não como adjetivo, mas substantivado. Trecho do posfácio de Modesto Carone à obra *o Castelo*. Op. cit. p. 358.

Por outro lado, o castelo, conforme relata o narrador logo no início:

não era um burgo feudal nem uma residência nova e suntuosa, mas uma extensa construção que consistia de poucos edifícios de dois andares e de muitos outros mais baixos estreitamente unidos entre si; se não se soubesse que era um castelo seria possível considera-lo uma cidadezinha.²¹

O castelo é, portanto, ora relatado como inacessível, ora como um conjunto de repartições que se comunica pela aldeia por telefone ou, de forma predominante, por cartas. Tais contatos geralmente são estabelecidos pela iniciativa superior, sendo que subalternos como Barnabás, que conseguiram por vias oblíquas a inserção entre os servidores do castelo, aguardam passivos pelos desígnios superiores.

Apesar de toda a alusão às determinações administrativas, elas jamais são relatadas como de obediência generalizada e uniforme. A própria dona da hospedaria, em conversa com K., enfatiza que as regras existem, mas: “ – não nego que também seja possível, uma vez ou outra, conseguir algo totalmente contrário às prescrições e contra a tradição.”²²

K. procura, por meio de Klamm, integrar-se ao sistema burocrático,²³ que se desenvolve também de forma complexa, porém localizada. Ele começa a vivenciar a experiência de opressão, pela falta de sentido, a partir do movimento da busca incessante, no qual, a cada novo diálogo, há a sensação da perda dos pontos de referência.

Desta perspectiva, há uma diferença marcante entre a atitude do protagonista de *1984*, Smith, em relação à K.. Enquanto Smith estava integrado nas instâncias organizacionais opressoras e, ao compreender seu papel na rede oficial de controle e manipulação de informações, resolve opor-se ao sistema; K. intenta integrar-se ao sistema do entorno do castelo, mas a busca pela *integração*, que perpassa pela indefinição de sua situação funcional, é tão marcadamente inócua, que acaba provocando, paradoxalmente, a sua *desintegração* enquanto ser humano.

Ausência de sentido e conseqüente entrega de K.: burocracia e conformação

²¹ Op. cit. p. 14.

²² Op. cit. p. 64.

²³ Diferentemente também da obra de Kafka, *o Processo*, onde o protagonista Josef K. se depara com uma acusação obscura, isto é, ele procura reagir à irracionalidade burocrática, a partir da tentativa de compreender e se desvencilhar da situação, mas não pretende se integrar às instâncias organizacionais.

A inócua busca de K. por um sentido inalcançado incita um desgaste vivenciado não só pelo protagonista, mas também pelo leitor da obra *o Castelo*. Por isso, conforme exposto, Kafka consegue de forma tão peculiar provocar em seu leitor, pela “desorientação” narrada, sensações de tensão, confusão e atordoamento.

Percebe-se que por mais que K. tente acessar Klamm, os acontecimentos jamais se dão da forma como planejado. Mesmo tendo ficado com Frieda, tal fato não resultou na aproximação de Klamm. Há, ainda, a suspeita final de que K., que se considerava estrategista, poderia ter sido usado como “isca” por Frieda, que não teria, na realidade, contato tão estreito com Klamm.

Acaba sendo-lhe igualmente frustrada a tentativa de acessar Klamm na saída da hospedaria dos senhores; ficando K., em vão, na neve, próximo ao seu tremó, apesar da advertência do cocheiro e de uma suposta autoridade, que aparece e tenta dissuadi-lo a desistir da espera.

As tentativas de se comunicar com as instâncias organizacionais vão minando aos poucos as forças ativas do protagonista, sendo possível identificar dois momentos em que, apesar de toda a resiliência, K. acaba se entregando ao sistema: (1) quando se submete às ordens do prefeito e assume, contrariado, a função de bedel da escola; e (2) por derradeiro, na conversa final com Gerstäcker, quando K. aceita guarida e torna-se parte de toda a incongruência.

Em suma, apesar de o livro aparentemente terminar sem um final objetivo, é possível localizar o término da jornada de K. em dois momentos específicos: ao aceitar a função de bedel da escola e, de maneira mais definitiva, ao ceder à irracionalidade do sistema, deixando-se conduzir por Gerstäcker “através da escuridão” para desenvolver outra atividade para a qual também não tinha a menor experiência.

Nas últimas linhas de *o Castelo*, K. fica tão confuso e atordoado, que precisa se esforçar para entender um diálogo que sequer se inicia. Tal circunstância é indiciária do quanto o protagonista foi vencido em sua tentativa de uma conversa equilibrada com o sistema do castelo, que se manifesta sempre de forma fragmentária e evasiva, sendo provável que K. tenha, ao final, aderido, por desgaste, à irracionalidade de uma trama cuja compreensão lhe fora inalcançável.

As circunstâncias narradas não deixam de apresentar, portanto, uma semelhança com a “entropia”²⁴ burocrática. Da burocracia se extraem as seguintes características, também presentes na narrativa: caráter legal de normas e regulamentos; caráter formal das comunicações, baseada em documentos e atas; racionalidade e divisão do trabalho; impessoalidade das relações; e hierarquia entre autoridades.²⁵

Contudo, o ambiente relatado por Kafka possui apenas o “verniz” da burocracia, sendo constante a alusão aos seus valores como mera justificativa para sua distorção prática. Há, portanto, diversas deturpações, sendo a principal delas a nomeação de K. como agrimensor, quando, na realidade, não havia a necessidade do desenvolvimento de tal atividade.

Mesmo em face de tal desnecessidade, ainda assim o sistema não oferece ao protagonista uma resposta coerente. Este fato fica claro no diálogo com o prefeito, em uma das passagens mais ilustrativas dos efeitos da presente abordagem.

No capítulo 5, o prefeito procura o dossiê do caso, com a ajuda de sua esposa Mizzi, e informa K. que, há tempos, houve uma ordem de encaminhamento de um agrimensor por uma outra repartição, mas que eles responderam dizendo que não precisariam do trabalho. Ocorre que a resposta não chegou ao destinatário.

O prefeito justifica a situação a partir da seguinte argumentação:

Numa administração tão grande como a do conde, pode acontecer às vezes que uma repartição determine isto, a outra aquilo, nenhuma sabe da outra; na verdade o controle superior é extremamente preciso, mas pela sua própria natureza chega tarde demais e sendo assim pode surgir uma pequena confusão.²⁶

Expõe-se que a ordem não chegou à repartição A, por engano da repartição B. Mas Sordini, funcionário dedicado, identificou o erro. Contudo, depois de todo o esforço de Sordini, este último funcionário percebe que não teria competência para tratar do assunto. Segundo relata o Prefeito, como a “precisão” é uma característica muito especial do aparelho

²⁴ Conforme exposto, toma-se o termo entropia no sentido de desordem de um sistema que se volta para si mesmo, para significar a reificação (coisificação) dos valores burocráticos, que perdem sua funcionalidade.

²⁵ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. p. 530.

²⁶ Op. cit. p. 72

administrativo, ele é “extremamente sensível”, encerrando questões de uma maneira “o mais das vezes muito justa, embora certamente arbitrária”.²⁷

A impessoalidade burocrática é uma constante do relato, conforme se extrai da fala do prefeito:

daqui onde estamos, ninguém, nem mesmo da administração competente, pode estabelecer que funcionário decidiu tal caso e por quais motivos. Só os serviços de controle são capazes de estabelecê-lo muito mais tarde, mas nós não ficamos sabendo de mais nada, aliás é difícil que depois alguém ainda se interesse.²⁸

O prefeito conta que o erro que provocou a situação de K. é “um dos menores entre os pequenos casos”²⁹, sendo, ainda, que o volume do trabalho não determina, na repartição, a importância do caso. Também insinua que talvez as cartas que K. recebera não tivessem sido escritas pelos funcionários que ele imaginava.

K. fica indignado e enfatiza que fez um grande sacrifício para se distanciar de sua casa, alimentando esperanças de aceitação no local, sendo ainda impossível encontrar trabalho equivalente onde ele veio. Diz, pois, que faria o esforço necessário para obter o reconhecimento de seu direito.

Observa-se, contudo, que a entropia da organização do entorno do castelo apresenta-se como uma dinâmica na qual, apesar da descoberta de erros na comunicação entre repartições, ainda assim os funcionários preferem retroalimentar o sistema por meio de processos absolutamente ineficazes em vez de pôr em xeque a precisão de comandos superiores ou a justeza de funcionamento do “aparelho”.

Tal postura provoca a multiplicação infinita do erro administrativo,³⁰ dando a impressão de que mesmo que se vença a falta de transparência nas instâncias burocráticas,

²⁷ Op. cit. p. 80.

²⁸ Op. cit. p. 82.

²⁹ Op. cit. p. 80.

³⁰ Segundo o relato de Olga, “as pessoas são muito lentas no castelo, e o pior é que nunca se sabe o que significa essa lentidão; pode significar que a coisa está em andamento, mas pode também significar que o trâmite oficial ainda nem começou”, “temos aqui um provérbio que talvez você conheça: decisões administrativas são tímidas como as jovens”. É uma boa observação disse K.: “e as decisões podem ter ainda outras propriedades em comum com as jovens”. Op. cit. p. 200. Este diálogo é comentado por Walter Benjamin, que interpreta a observação de K. no sentido de que as decisões administrativas são devassas como as moças de o Castelo, pois podem servir a tudo. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 141.

com a investigação laboriosa de documentos oficiais, ainda assim, a autoridade tenderá a resolver a questão de uma maneira arbitrária e, portanto, imprevisível, o que torna a suposta referência à normatividade algo caprichoso.

Neste ponto, há a distorção da burocracia para o burocratismo,³¹ pois são deixados de lado a previsibilidade, a tecnicidade e a meritocracia. Outra distorção é identificada na rede de relações pessoais que se travam no seio da aldeia e que surte efeitos nas nomeações e atividades do castelo.

O narrador relata, outrossim, que na hospedaria dos senhores são desenvolvidas atividades funcionais em período noturno, por meio de servidores públicos que ficam nos quartos. Esta parte da obra é bastante obscura, podendo até ser vista como uma possível alegoria da inconsciência a partir da qual se desenvolve o ofício burocrático, como se fossem questões decididas em “situação de sono”.³²

Pode-se contrastar a força imagética de tal construção, com o legado deixado pelo século XX: a percepção de que o excesso de racionalismo provoca, paradoxalmente, grandes irracionalidades. Desconfia-se, atualmente, dos poderes da própria razão, caso ela se feche em cadeias de auto-referências, haja vista a experiência totalitária que, não obstante pautar-se na criação de uma organização racional, perfeita e total, provocou, na prática, a submissão inquestionável de parcela da humanidade à máquina estatal.

Assim, extremo racionalismo e entrega total do ser humano a um sistema incontrolável são ingredientes que se combinam e fazem eclodir as irracionalidades. Não foi rigorosamente este, contudo, o foco de denúncia de Kafka,³³ até porque o fenômeno se daria com maior intensidade nas décadas subsequentes à elaboração de *o Castelo*, mas tal

³¹ Não obstante o alerta dos excessos burocráticos, conforme ênfase até weberiana, diferenciam-se da concepção de burocracia, engendrada para imprimir racionalidade nas organizações, as distorções do burocratismo, sendo um indício deste desvirtuamento a utilização do racionalismo, e de sua abstração, como forma de se encobrir arbítrios e caprichos concretos. Cf. NOHARA, Irene Patrícia. *Reforma Administrativa e Burocracia*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 35.

³² No mesmo sentido da interpretação contemporânea da alegoria de Goya: “o sono/sonho da razão produz mostros”.

³³ Muito embora Kafka também seja considerado, na explicação de Luciana Araújo de Paula, “o profeta dos totalitarismos que assolaram a modernidade: seus juizes alienados, seus comandantes tirânicos, seus advogados corruptos, suas administrações inumanas se tornaram os arquétipos da perversão da justiça.” In. *Justiça “kafkiana”: a lei-esquizo vige sem significar*. *Captura críptica*, Florianópolis, n. 2. v. 2, p. 320. jan./jun. 2010.

constatação não deixa de ser indissociável da análise da modernidade e sua tendência à expansão burocrática.³⁴

As práxis distorcidas do burocratismo têm, nesta perspectiva, condão de se retroalimentar em cadeias infinitas de auto-referências, o que provoca alienação do indivíduo. Este se sente esmagado, tal qual inseto vil e impotente, sendo este sim o tema de dileção da mencionada trilogia kafkiana,³⁵ que inclui a obra *o Castelo*.

A burocracia acaba ganhando contornos de uma máquina, sendo legitimada pelo discurso impessoal do direito público e seus regramentos de competência e hierarquia, tornando insignificantes o indivíduo e suas reivindicações diante de seus pseudo-objetivos totalizantes. Neste contexto, é comum que haja, por parte do indivíduo, a conformação em troca de alguma forma de proteção, mesmo que às custas de abrir mão de sua “humanidade”.

Em suma, diante do esmagamento das características humanas, em que há a submissão da consciência a uma autoridade irracional e rígida, o homem acaba ficando, na visão precisa de Erich Fromm:

dependente de poderes a ele extrínsecos e deixa de cuidar de sua própria existência ou de sentir-se responsável por ela. Tudo o que o preocupa é a aprovação ou reprovação por esses poderes, que podem ser o Estado, um chefe, ou uma não menos poderosa opinião pública. Até o comportamento mais contrário à ética pode ser experimentado como “dever” na acepção autoritária.³⁶

O sistema se retroalimenta de forma antropofágica, isto é, de forma a devorar o indivíduo, minando sua tentativa de compreender, e, por consequência, de influenciar, os rumos de sua circunstância no mundo.³⁷

Conclusões

A partir da leitura da obra *o Castelo* é possível refletir sobre as forças burocráticas que oprimem o protagonista K. como sendo manifestações de um agigantamento das instâncias organizacionais diante do indivíduo. O sistema de repartições e de suas hierarquias

³⁴ Neste sentido, a modernidade provoca o “desencantamento do mundo” (Weber), a partir da racionalização da técnica e a ilusão de progresso.

³⁵ Quanto à referência ao inseto, trata-se da obra *Metamorfose*. Também *o Processo* tem identidade com o tema do Castelo, conforme dito.

³⁶ FROMM, Erich. *Análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 149.

³⁷ Sendo, pois, forte o viés existencialista, da análise da situação de entrega ao sistema burocrático.

de funcionários acaba ganhando vida própria, sendo entrópico à medida que se esvai em auto-referências caóticas e incontroláveis.

K. vai aos poucos perdendo sua identidade e acaba sendo devorado pelo sistema (antropofagia) e seu poder irracional, diante de sua incapacidade de compreender e influenciar sua própria situação no mundo. Para além do provável adiantamento de um movimento totalitário, que se deu nas duas décadas seguintes à elaboração da obra, *o Castelo* também representa a angústia do homem moderno, diante da incapacidade de afirmar sua identidade no emaranhado normativo impessoal das instâncias organizacionais.

Em suma, conforme exposto, o protagonista busca integrar-se ao sistema do entorno do castelo, mas tal tentativa de *integração* é tão acentuadamente inócua, que provoca, paradoxalmente, sua *desintegração* enquanto ser humano. São dois, conforme exposto, os momentos mais evidentes da entrega do protagonista a toda a incongruência: (1) quando concorda, à revelia de sua vontade, em desempenhar atividades de bedel da escola; e (2) na parte final, em que aceita guarida e deixa-se conduzir por Gerstäcker, ficando propositadamente incompleto o diálogo final.

Trata-se de obra cuja leitura provoca sensação permanente de alienação, diante da irracionalidade dos conteúdos dos diálogos e também das situações narradas. Todavia, apesar da complexidade da obra kafkiana, cujo narrador faz questão de dificultar a interpretação (Benjamin); ainda assim, pode-se extrair uma advertência dos excertos analisados: de que o racionalismo alienante presente nas instâncias burocráticas tem, no fundo, o condão de provocar a auto-destruição das relações humanas (antropofagia) num mundo institucionalizado e posto a serviço de uma normatividade fragmentada e irracional.

Como resultado, apresenta-se, com inspiração na obra-prima de Franz Kafka, o apelo para que o direito público contemporâneo não permita com que o Estado, tido como abstração de acentuada permanência, passe por cima da humanidade (como já se renunciava que ocorreria no século XX), mas que seja concretamente posto a seu serviço; sendo, para tanto, indispensável que seus braços burocráticos, constituídos das repartições públicas, sejam orientados a agir de forma funcional e equilibrada.

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FROMM, Erich. *Análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAFKA, Franz. *O Castelo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A Metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O Processo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOHARA, Irene Patrícia. *Reforma Administrativa e Burocracia*. São Paulo: Atlas, 2011.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAULA, Luciana Araújo de. Justiça “Kafkiana”: a lei-esquizo vige sem significar. *Captura Criptica*, Florianópolis, n. 2. v. 2, jan./jun, 2010.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.